

Resenha

Marcos José Müller. *Merleau-Ponty: acerca da expressão*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. 343 páginas.

Glenn W. Erickson*

O livro é uma dissertação da tese do doutorado desenvolvida durante dois anos no Departamento de Filosofia da USP sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Alberto Ribeiro de Moura e desde 1998 no Departamento de Filosofia da UFRJ sob a orientação do Prof. Dr. Gilvan Luiz Fogel. O autor é atualmente professor do Departamento de Filosofia da UFSC, mas previamente ele foi professor do Departamento de Filosofia da UFSM, onde serviu como Professor Visitante. Lembro de muitas discussões sobre Merleau-Ponty naquela época em que ele exibiu uma rara combinação de inteligência, exuberância e gentileza. Todo mundo sabia que um dia o nome de Marcus Müller se destacaria na filosofia brasileira.

Bem escrito, bem argumentado, bem pensado, a publicação do livro estabelece Dr. Müller como um dos principais estudantes do fenomenólogo francês da América Latina.

O livro consiste de uma Apresentação pelo próprio autor, uma Introdução, três Partes com três, dois e dois capítulos, respectivamente, uma Conclusão e uma Bibliografia. A primeira Parte chama-se "Expressão do 'Ser do Fenômeno'", a segunda, "'Ser do Fenômeno' como Expressão", e a terceira, "'Ser da Expressão' como Tempo", refletindo a arquitetônica dialética da própria *Fenomenologia*.

Muitos estudantes, como eu jovem, por exemplo, de pensadores com maneiras de composição distintas e intrigantes, como Heidegger, Sartre, Merleau-Ponty ou Derrida, acabam escrevendo num estilo aparecido, mesmo quando tal estilo não é necessário para compor o pensamento. Neste sentido, pode ser dito que Prof. Marcus sofre de uma ansiedade do estilo referente a Merleau-Ponty. O remédio para esse mau é estudar dois ou três outros pensadores num grau de profundidade equivalente.

Confirma-se no subtítulo do livro e nos títulos das suas Partes que a temática do livro é a expressão em M-P, mas o livro nunca desenvolve este título em uma tese sobre a temática. Nos Estados Unidos, a falta de uma tese concreta numa tese em filosofia é considerada uma falha seria, mas tal falta é o padrão no Brasil, fato devido não tanto à abordagem tomada por orientadores brasileiros e sim pela sua falta da seriedade.

*B. A., Philosophy, Clark University (1972), Ph.D., Philosophy, Vanderbilt University (1976); professor do DFIL, UFRN.

Além de não determinar uma tese específica sobre o tópico, a Introdução não apresenta uma revisão da literatura relevante a temática.

Desde que as teses em filosofia no Brasil não são argumentativas, se pensa que elas se justificam por serem estudos historiográficos mas nem isto elas pretendem, como é evidente na sua falta de cuidado com o aparato estudioso. Enquanto se espera, por exemplo, uma bibliografia acadêmica dividida em obras citadas e obras consultadas, para facilitar o leitor na leitura do texto, a bibliografia no presente volume possui Obras de M-P, Literatura Secundária sobre Merleau-Ponty, e Obras Diversas. Mesmo assim, *Negative Dialectics and the End of Philosophy* (1990) se encontra em Obras Diversas (com Baudelaire e Kant, é vero), que parece um erro de classificação, desde que há duzentos páginas sobre M-P, a menos que isso seja um comentário do autor sobre o conteúdo do meu livro. A Bibliografia tem numerosos erros de ortografia e pontuação, e algumas obras citadas no texto não aparecem na Bibliografia.

De novo, palavras citadas não se encontram em marcas de citação e sim itálico, e longas citações não são separadas. Muitos parágrafos encerram com tais citações direitas, como se M-P pudesse se explicar si mesmo; mas a regra é que (desde que leitores quase sempre pulam, sem ler, citações direitas) as citações compridas devem ser resumidas imediatamente depois, pelo menos para salientar o que o leitor deve considerar nelas (para dar continuidade à leitura).

Não mencionamos estas coisas para diminuir o livro do Prof. Marcos, por que a sua tese é muito melhor nestes respeitos que a grande maioria e por que tais dificuldades vêm com o território (isto é, de ser um estudioso num lugar quase ausente de estudiosos treinados nos elementos da arte). O baixo nível do aparato estudioso no Brasil se deve ao fracasso das gerações anteriores de estudiosos que não sabiam, nem ensinaram, nem insistiram que os orientados aprendessem, as regras do jogo. Quantas vezes, em defesas de monografias, a gente escuta membros da banca examinadora (e não apenas ou especialmente em filosofia) expressarem a opinião de que a preocupação com tais detalhes é mera frescura! Mas ninguém pergunta por que é tão difícil para os brasileiros serem publicados internacionalmente. Eu digo: Lá fora os editores nem consideram mandar para avaliação trabalhos que não tratem de um modo polido desses assuntos.

Na avaliação do livro, é mister lembrar que M-P é um filósofo para filósofos. Em outras palavras, muitos pensadores, como Schopenhauer, Kierkegaard, Nietzsche, Sartre, Adorno, Habermas, e Rorty (e diferentemente de Fichte ou do Wittgenstein tardio), são relativamente fáceis de compreender, pelo menos num certo grau ou até um certo ponto,

mas a menos que um estudante já domine um bom pedaço da filosofia, fica muito improvável que ele vai ser capaz de uma primeira aproximação à *Fenomenologia da Percepção*, muito menos a que vem depois. A dificuldade da *Fenomenologia* é parecida com a das *Investigações Filosóficas*: a grande maioria dos leitores fica confusa sobre quais posições estão argumentadas para depois serem refutadas e quais representam a verdadeira doutrina do filósofo, o caso sendo mais agudo com Wittgenstein desde que ele sequer adota uma doutrina. Assim, não é pouca coisa se dizer que este livro alcança um bom nível de interpretação de M-P, mesmo considerando as críticas a seguir.

Parte I, por exemplo, começa com uma excelente comparação e contraste das alternativas empiricista e intelectualista (neokantista). Infelizmente, este modo de exposição é subseqüentemente abandonado mesmo sobre questões em que Merleau-Ponty o destaca.

O comentário sobre a *Fenomenologia* segue uma ordem consecutiva, em vez de sintética, mas ainda assim procede de uma maneira reveladora ao leitor. Especialmente interessantes são as discussões com respeito a Schelling no Capítulo 2, Cézanne no Capítulo 5 e a questão do diagrama de temporalidade que Merleau-Ponty empresta de Husserl com significantes mudanças no Capítulo 6.

Neste último ponto, Prof. Marcus segue a discussão de Leotard e do orientador Moura (ambos de 1980). Não estou nem um pouco convencido por esta linha de interpretação conforme a qual M-P está copiando erradamente um diagrama diferente que do que ele cita, e copia este diagrama erradamente por que está levando em conta certos pontos da discussão de temporalidade que não entram em nenhum dos dois diagramas. Esta solução do problema não é apenas textualista e deflacionista, mas serve para esconder a significância verdadeira do erro, a saber, o fato que M-P está dando uma leitura heideggerizante da temporalidade no fim da *Fenomenologia*. (Ver a prévia discussão da questão na minha tese de doutorado, *The Question of the Meaning of Being* [1976], retomada em *Negative Dialectics and the End of Philosophy*.) No fundo, Merleau-Ponty falta uma interpretação de Heidegger (para não mencionar Sartre), uma falta que impede qualquer progresso na apropriação da Parte III da *Fenomenologia* em sua própria Parte III.

Em geral, o horizonte da interpretação do livro é limitado por ser baseado em Husserl (juntamente com o Kant e o Descartes implícitos em Husserl), com a consequência de que a interpretação acaba colocando M-P no campo dos intelectualistas. A partir desta assimilação de M-P a perspectiva que ele é mais preocupado de superar, o livro cai em mais

três erros: primeiro, a idéia de que ele está preso à idéia de constituição na Parte III e que por conseqüência está comprometido com uma idéia da consciência demasiadamente transparente; segundo, a falta de uma compreensão do sentido em que Derrida já resolveu muitos problemas que derivam do tratamento duplo de linguagem e tempo em Merleau-Ponty, mesmo depois de destacar estes problemas separadamente; e terceiro, a sua tematização de expressão, e o conseqüente destaque do problema do cogito tácito, que não se recomenda para apreciar nem os êxitos nem os defeitos da *Fenomenologia*.

Em conclusão, recomendo, por sua alta competência em tratar de matéria quase intratável, *Merleau-Ponty: acerca da expressão* para qualquer um que arriscar entrar no tortuoso e pouco procurado caminho de encontrar Merleau-Ponty, filósofo que seria eventualmente reconhecido como um dos cinco mais expressivos do recém-acabado século.